

REVISÃO DE LITERATURA SOBRE BANCOS DIGITAIS E *FINTECHS* A PARTIR DA BASE DE DADOS SCIELO, COMO SUBSÍDIO PARA DISCUSSÃO DA VIRTUALIZAÇÃO DOS SERVIÇOS BANCÁRIOS NA NOVA ECONOMIA

AMÓS JUVÊNCIO PEREIRA DE MOURA¹; GUILHERME AUGUSTO
CABBREIRA²; GIOVANA MENDES DE OLIVEIRA³

¹ Universidade Federal de Pelotas – ajpereirademoura@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – cabreiragui@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – geoliveira.ufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O advento tecnológico, sobretudo, das Tecnologias da Informação (TIs), contribuiu para as mudanças econômicas, culturais e políticas na sociedade (LÉVY, 1999; CASTELLS, 2005). Esse avanço torna possível a dinamização dos fluxos informacionais no espaço (SANTOS, 2006), encurtando distâncias espaciais. A possibilidade de um número maior de pessoas se inserirem no que Castells (2005; et al 2006) chama de ‘sociedade em rede’, o que Lévy (1999) chama de “cibercultura” ou o que autores como o Ascher (2010) chamam de “sociedade do hipertexto”, ou seja, a sociedade fazer do uso das TIs para se comunicar entre si pela web, se deve ao surgimento de inúmeros objetos técnicos (SANTOS, 2006) que facilitam esse acesso, como computadores e smartphones. Santos (2006) nos fala que os objetos técnicos “se apoderam do nosso cotidiano, com eles nossa interação é prática” (p. 141).

Dentre as alterações que ocorreram na sociedade, está a forma de se consumir serviços e produtos. Se tornou possível obter informações sobre produtos e serviços que se pretende consumir a partir da experiência de outros consumidores, como os já populares reviews dos mais variados produtos. Comprar a partir da internet se torna cada vez mais comum, segundo reportagem da revista Exame¹ as compras online cresceram 12,1% entre 2017 e 2018.

O surgimento dos *smartphones* também influenciou a forma do consumo de produtos e serviços. Diversas *startups* surgiram oferecendo serviços por aplicativos de celular. São exemplos disso as que oferecem transporte em carro particular, como a *Uber*, *99* e *Cabify* e as empresas de delivery, como a *Ifood*, *Rappi*, *Glovo* e *Uber Eats*. Essas empresas se inserem no fenômeno que Castells (2005) chamou de “nova economia”, uma economia ligada aos setores de tecnologia e inovação, onde o conhecimento é primordial. Outro tipo de empresa que oferece seus serviços de forma virtual e vem tomando notoriedade são os assim chamados “bancos digitais”. São instituições financeiras que oferecem a maior parte de seus serviços, desde a abertura de contas bancárias, apenas por aplicativos e *sites*. A exceção vem a ser os saques que necessitam a utilização de alguma rede de autoatendimento (caixas eletrônicos) conveniada.

O presente trabalho tem por objetivo trazer uma revisão literária sobre os bancos digitais e *fintechs*, buscando saber o que de relevante tem se produzido sobre estes atores. Esse trabalho é primeiro passo para o entendimento destes novos atores e seus impactos na construção do espaço.

2. METODOLOGIA

¹ <https://exame.abril.com.br/negocios/dino/negocios-online-continuam-a-crescer-no-brasil/> acessado em 19 de julho de 2020.

Para a realização da presente revisão se buscou artigos nas bases de dados CLACSO (Conselho Latino-americano de Ciências Sociais), CAPES² (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e SciELO (*Scientific Electronic Library Online*). Das três bases, a SciELO foi a que apresentou resultados de melhor qualidade, pois se tratavam de resultados relacionados aos termos pesquisados. A CLACSO não apresentava resultados relacionados ao tema. Já a base da CAPES tinha muito material não relacionado sortido a poucos relacionados, em grande quantidade e filtros pouco lógicos. Sendo assim neste trabalho se utilizará apenas o coletado através da SciELO.

Os termos escolhidos por dizerem respeito especificamente ao objeto em análise, os bancos digitais. Podemos definir bancos digitais a partir dos esforços de autores que vêm estudando o tema da digitalização das finanças e fluxos financeiros, com destaque para Lipton et. all (2016) e Carbellido (2018), como a evolução da tecnologia no setor bancário, permitindo novas formas de acesso remoto ao usuário a partir da internet. Por *fintechs* podemos utilizar novamente Carbellido (2018) e também Coetzee (2018) como o casamento entre as finanças e a tecnologia, sendo empresas que atuam no mercado de crédito, finanças e soluções de pagamento. Por serem conceitos semelhantes, que muitas vezes a mesma instituição é denominada das duas formas, se buscou utilizar os dois conceitos. Dessa formas, os termos pesquisados foram: “bancos digitais”, “*digital banking*” e “*fintechs*”.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As buscas do termo “bancos digitais” trouxe poucos resultados relacionados ao tema nas três plataformas, possível sinal do ineditismo de produções a respeito do tema no Brasil e em demais países de língua portuguesa. De qualquer forma, dos artigos buscados a partir da Scielo com o termo, apenas 1 era aproveitável (CERNEV e DINIZ, 2020), ao abordarem o surgimento, gestão de um banco comunitário emissor de uma moeda social própria, com a posterior criação de um aplicativo móvel para uso dos “clientes” desse banco. ele trata do Banco Palmas e como o banco transformou sua moeda social em E-dinheiro através do aplicativo. Após contar a trajetória da fundação do banco, na comunidade de Conjunto Palmeira, periferia de Fortaleza-CE, conta como surgiu a idéia de transformar a já existente moeda social em mobile payments. No aplicativo era possível transferências e pagamentos. Segundo os autores, o objetivo do artigo era demonstrar o processo de inovação de uma fintech social, abordando questões de governança, gerenciamento de plataformas, os aspectos tecnológicos utilizados e as estratégias de negócio.

Na buscas pelos termos “*digital banking*” e “*fintech*” o artigo de Carbellido (2018) apareceu repetidamente. Dos 4 artigos selecionados, dois são da África do Sul e estão em inglês, os demais estão em espanhol e são de países latino americanos (México e Equador). Apesar das distâncias geográficas, culturais e econômicas, se percebe pontos de convergência nas discussões a respeito do uso remoto dos serviços bancários e a digitalização das finanças.

O trabalho de Mujinga et. all (2018) buscou estudar a escala da usabilidade dos serviços bancários via internet na África do Sul. O foco foi entender quais fatores contribuem na avaliação dos serviços pela população. A digitalização dos serviços bancários diminui os custos de operação destes serviços, mas é

² Com o acesso da CAFe (Comunidade Acadêmica Federada) que concede acesso a artigos pagos de forma gratuita.

necessário que as plataformas disponíveis tenham fácil uso pelos clientes e ofereçam segurança. Nos resultados do estudo foi constatado que gênero pouco influencia na forma em que os clientes avaliaram os serviços bancários, sendo a idade dos usuários um fator mais relevante. Usuários mais jovens tendiam a avaliar pior que usuários mais velhos.

Os trabalhos de Coetzee et. all (2018) e Carbellido (2018), embora analisem cenários de países distintos, África do Sul e México respectivamente, trabalham com temas centrais próximos e trazem apontamentos parecidos. Ambos os trabalhos apontam o aparecimento de *fintechs*, a partir do desenvolvimento tecnológico, oferecendo serviços financeiros em seus países. Coetzee et. all (2018) aponta que desde a crise econômica de 2008 os bancos tradicionais tiveram seu mercado ameaçado a partir do aparecimento desses atores no cenário de disrupção tecnológica. Ambos artigos trazem perspectivas históricas da informatização no setor bancário a partir da década de 1970, primeiramente em operações de retaguarda administrativa, ao poucos se desenvolvendo oferecendo serviços mais tecnológicos ao público. Carbellido (2018) aponta que as *fintechs* estão aproveitando as oportunidades oferecidas pela tecnologia que os bancos tradicionais não souberam aproveitar. O autor também aponta sobre a possibilidade de desaparecimento dos limites geográficos e conceituais do setor bancário.

A questão da inovação, também é tratada de forma direta em Carbellido (2018), Coetzee et. all (2018) e Flores et. all. (2018). Coetzee et. all (2018) aborda que na próxima década os bancos vão se transformar, com agências diminuindo ou desaparecendo. Ele traz o exemplo de ressignificações de agências já estarem ocorrendo nos EUA, onde por exemplo o Umpqua Bank oferece encontros sociais para clientes nas agências. Além disso ele aborda que avanços tecnológicos, inteligência artificial e biometria tendem a se desenvolver mais para o setor, dando mais segurança aos usuários. Flores et. all. (2018) ao apresentar o dinheiro eletrônico, tema central de seu estudo de caso no Equador, aponta que o mesmo se insere num panorama de desmaterialização da economia e estabelecimento de novas relações de comércio.

Por fim a preocupação com regulações jurídicas estatais também é uma tônica constantes nos trabalhos de Carbellido (2018), Coetzee (2018) e Flores et. all. (2018). Os dois primeiros falam sobre as leis de seus países precisarem ainda se ajustarem e regularem as operações das *fintechs*. Já Flores et. all. (2018) aborda o caso do Equador que foi pioneiro em regular uma moeda virtual em 2014, mas acabou terminando com a mesma em 2017 para evitar danos a sua economia dolarizada.

4. CONCLUSÕES

Este trabalho buscou saber o que se tem discutido sobre esses novos atores dos serviços bancários, os bancos digitais e *fintechs*. O uso da internet para a utilização de serviços bancários não é novidade, desde meados dos anos 1990 os bancos tradicionais têm oferecido opção de transações online para seus clientes (DIAS e LENZI, 2009). O que muda agora é o surgimento de bancos que se caracterizam pela ausência daquilo que Santos (2006) chama de fixos geográficos.

Os trabalhos selecionados com os termos *digital banking* e *fintechs* abordaram muitos assuntos em comum. O primeiro a ser destacado é a questão da inovação presente no setor, levando a transformações na forma que a população utiliza serviços bancários. A questão de bancos tradicionais não terem

sabido como utilizar os avanços tecnológicos é apontado em mais de um artigo como responsável pelo surgimentos desses novos atores, *fintechs* e bancos digitais.

Outra contribuição relevante da pesquisa em qual o trabalho se insere é aprofundar as discussões da Geografia Econômica no estudo dos novos serviços que surgem na nova economia. A Geografia ao analisar a questão da nova economia e das inovações, ainda está presa a questão de onde os atores se localizam (VALE, 2009), não entrando ainda na discussão da possível construção espacial a partir da nova economia. Embora mesmo com essa flexibilização espacial, empresas que oferecem seus serviços pela internet, se concentram nas cidades como, apontou Oliveira (2014). O “ciberespaço” (LÉVY, 1999) pode ser um conceito a ganhar relevância para a análise desse novo mundo, que apresenta um possível desmaterialização espacial, embora ainda pouco utilizado nas análises geográficas, com exceção de trabalhos como o de Nunes (2019), preocupado com outras inflexões que não a economia.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASCHER, F. **Os Novos Princípios do Urbanismo**. São Paulo: Editora Romano Guerra, 2010.

CARBELLIDO, O. A. *Los retos de la banca digital en México*. In: **IUS - Revista del Instituto de Ciencias Jurídicas de Puebla**. Puebla (México) v. 12, n. 41. 2018.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**: volume 1. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2005.

COETZEE, J. *Strategic implications of Fintech on South African retail banks*. In: **South African Journal of Economic and Management Sciences**. v. 21, n.1, 2018.

DIAS, L. C; LENZI, M. H. Reorganização espacial de redes bancárias no Brasil: processos adaptativos e inovadores. **Caderno CRH**, Salvador, v. 22, n. 55, p. 97- 117, jan/abr 2009.

FLORES, O. G. M.; ARGADOÑA, L. C. B.; BAILÓN, F. M. C. *El dinero electrónico y las transacciones virtuales. Caso de estudio: Ecuador*. In: **Universidad y Sociedad**. v.10, n.4, 2018.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MUJINGA, M.; ELOFF, M. M.; KROEZE J.H. *System usability scale evaluation of online banking service: A South African study*. In: **South African Journal of Science**. 2018;114(3/4),

NUNES, D. M. **A produção das masculinidades e socioespacialidades de homens que buscam parceiros do mesmo sexo no aplicativo Tinder em Rio Grande - RS**. 2019. 185 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto das Ciências Humanas e da Informação, FURG - Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2019.

OLIVEIRA, G. M. O Uso do Território para a Inovação. In: **Mercator**, Fortaleza, v. 13, n. 2, p. 53-60, mai./ago. 2014.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**. São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 2006.

VALE, M. Conhecimento, Inovação e Território. In: **Finisterra**, XLIV, 88, 2009.